

SUICÍDIO EM PAUTA: A PANDEMIA DE COVID-19, O NEOLIBERALISMO E O GERENCIAMENTO DE SI

Cecília Ribeiro Miliorelli ¹
Rafael da Silva Paes Henriques ²

RESUMO

Considerando a investigação da produção noticiosa de portais do Espírito Santo sobre o suicídio e a possível responsabilização individual pela saúde mental durante a pandemia de covid-19, este artigo levanta discussões teóricas para uma melhor compreensão da responsabilização individual e como este conceito está articulado com uma análise do modelo econômico do neoliberalismo. Esse exercício é essencial para mapear os possíveis quadros de sentidos, que podem ser referenciados sobre esta perspectiva nas matérias sobre o suicídio. Ao final desta discussão, o objetivo é poder responder à pergunta “como as notícias sobre o suicídio, durante a pandemia de covid-19, podem fazer referência à responsabilização individual pela saúde mental?”.

Palavras-chave: Suicídio, Jornalismo, Pandemia, Responsabilização individual, Neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

O indivíduo contemporâneo está exposto a estressores no seu cotidiano – é o trabalho, a ameaça do desemprego, os problemas pessoais e mais do que isso: um senso de urgência por controle e garantia de uma “performance” cada vez melhor em todos os âmbitos da vida. Essa lógica perpassa as questões relacionadas à saúde mental na medida em que pode agravar a condição já vulnerabilizada dos sujeitos, além de expor uma lógica sob a qual o sofrimento é balizado nos dias atuais.

E é neste contexto que o suicídio, enquanto o pior desfecho para vida, é compreendido enquanto fenômeno social duplamente afetado pelo modelo socioeconômico do Neoliberalismo – seja pelo agravamento de alguns fatores sociais para a morte voluntária, como a desigualdade social (Durkheim, 2019) ou pelo agravamento dos problemas de saúde mental que são observados como fatores de risco para o suicídio (Brasil, 2024).

Nos últimos anos, foram observados números preocupantes em relação à frequência do suicídio. Isso porque, atualmente, a segunda principal causa de morte entre adolescentes de 15 a 19 anos no Brasil são as lesões autoprovocadas, já entre os jovens de 20 a 29 anos essa é a quarta

1 Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes e bolsista pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), cecilia.miliorelli@edu.ufes.br;

2 Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes, Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), rafael.henriques@ufes.br.

principal causa (Brasil, 2024). Além disso, entre 2020 e 2023, a pandemia de Covid-19 modificou o panorama não só do suicídio, mas de toda a dinâmica e a vida social. Sabe-se que durante o primeiro momento da pandemia, entre o primeiro e o segundo trimestres de 2020, a frequência de casos reduziu 38,8%. Depois, entre o segundo e quarto trimestres de 2021, houve um aumento de 47,8% nas notificações, retornando aos números de casos registrados antes do período pandêmico.

Neste sentido, o jornalismo, enquanto prática social, que produz um determinado tipo de conhecimento atrelado à cultura e à sociedade, tem interesse pela temática (Genro Filho, 1987). Considerando uma análise cuja ênfase é na produção noticiosa localizada para uma melhor apreensão de nuances da cobertura, é preciso entender como os portais de notícia do Espírito Santo abordaram o suicídio – e mais especificamente, como essas matérias, durante a pandemia de covid-19, podem ter referenciado a responsabilização individual pela saúde mental.

Assim, este artigo levanta discussões teóricas necessárias para a compreensão da responsabilização individual e como este conceito está articulado com uma análise do modelo econômico do neoliberalismo. Esse exercício é essencial para mapear os possíveis quadros de sentidos que podem ser referenciados sobre esta perspectiva nas matérias sobre o suicídio (Entman, 1993).

A RESPONSABILIZAÇÃO INDIVIDUAL PELA SAÚDE MENTAL

A vida na contemporaneidade é permeada de valores e uma ética atrelados à lógica econômica capitalista que orienta não só os nossos desejos, mas também a nossa forma de sofrer: pelo quê, como e por quê sofremos. Para Safatle, Silva Junior e Dunker (2022), essa relação é justificada porque o modelo socioeconômico atual também é uma ideologia condutora moral dos sujeitos em todos os aspectos da sua existência.

Neste contexto, “[...] a empresa poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos” (Safatle; Silva Junior; Dunker, 2022, p. 30), implicando assim nas ideias de liberdade, individualismo e livre concorrência aplicadas principalmente no ambiente corporativo e nas relações sociais. Além disso, o papel do Estado não é mais o de garantir o bem-estar. Essa responsabilidade agora é dos próprios sujeitos, que a partir da lógica do empreendedorismo, devem performar cada vez melhor e garantir a maximização do seu rendimento.

Os fundamentos dessa lógica empresarial foram descritos pelo sociólogo francês Alain Ehrenberg. Através da análise dos arquétipos levantados pelo autor da versão empreendedora dos indivíduos – o “combatente”, o “líder” e o “conquistador” – De Castro (2019) aponta as

principais contribuições para compreender o funcionamento desse individualismo contemporâneo, à base da competição e concorrência generalizadas.

Por conseguinte, a insuficiência e a inadequação social são sentimentos frequentes neste ambiente da sociedade neoliberal, que leva os indivíduos a ficarem ensimesmados, o que gera uma série de patologias ligadas a uma nova forma de gerenciamento de si.

Da mesma forma, a percepção de comportamentos de risco em saúde depende da cultura, da temporalidade, do modelo socioeconômico e dos costumes de um determinado povo. E como resposta a um momento histórico da sociedade – a decadência do Estado de Bem-Estar Social – os movimentos da Nova Saúde Pública e Nova Saúde, encontraram terreno fértil nos Estados Unidos América, nos anos 1970. Segundo Castiel e Diaz (2007), esses movimentos partem da premissa de que as evidências científicas devem guiar as ações de prevenção de doenças. Tal lógica está alinhada a uma determinada noção iluminista da ciência, assim como há uma valorização de uma determinada racionalidade ligada aos valores positivistas da sociedade (Castiel; Diaz, 2007).

A ideia é que as comunidades possuem condições de agirem em benefício próprio, dosando o desejo e as consequências das suas escolhas. De forma similar, Safatle, Silva Junior e Dunker (2022) apontam o *agency* pessoal e as *life skills* como marcas do Neoliberalismo. Portanto, os indivíduos teriam autonomia de gerenciarem as suas vidas e saúde, mas, não só isso: tal qual o conceito de liberdade, todos deveriam assumir esse papel central como uma responsabilidade.

Essa inserção de valores e normas sociais não só organiza os indivíduos, mas estabelece papéis para os sujeitos, aprofundando o senso de individualidade sem a mediação do Estado. Esse mecanismo é operacionalizado a partir da captura das subjetividades e dos ideais dos sujeitos (Safatle; Silva Junior; Dunker, 2022), e mais especificamente, na atribuição do sentimento de culpa. Isso se dá porque a culpabilização prevê algo que é “controlável” e, que, portanto, pode ser evitado a partir da adoção de determinado comportamento ou estilo de vida. Nesse sentido, a organização da vida social se dá pela estigmatização e o juízo depreciativo daqueles que optam por escolhas ruins para a sua própria saúde.

Logo, é possível identificar esse esquema nas campanhas de saúde, com o estabelecimento de limites da “vida saudável” (Castiel; Diaz, 2007). Se por um lado, o incentivo à busca por uma saúde melhor pode trazer benefícios para a coletividade, por outro, a lógica da responsabilização é uma consequência da saúde persecutória que é altamente prejudicial à sociedade, além de invisibilizar contradições que o próprio capitalismo e o Neoliberalismo produzem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

O fenômeno do suicídio é atravessado por uma série de questões culturais, sociais e econômicas, desde a percepção coletiva sobre saúde até o modelo socioeconômico do Neoliberalismo. Nesta lógica, a responsabilização individual como *modus operandi* da sociedade capitalista contemporânea preconiza que os sujeitos tenham autonomia e assumam a obrigação de gerenciarem a sua saúde, antevendo doenças e prevenindo-as.

A partir de então, o interesse público *versus* o particular ficam em destaque. Quem define o que é da alçada do Estado e o que é de responsabilidade do indivíduo? Com a culpa e o desejo em pauta, o suicídio torna-se um objeto de análise ainda mais polissêmico.

Assim, ao analisar como as matérias jornalísticas podem convocar sentidos sobre esse tema, durante a pandemia de covid-19, é preciso compreender se este momento histórico influenciou na identificação dos problemas sociais, suas causas, soluções e possíveis julgamentos morais – ou se o contexto reforça o papel dos sujeitos nesse quadro de sentidos – e como isso acontece. Mas, para isso, é preciso expandir as perspectivas sobre responsabilização, culpa e sobre a lógica neoliberal, que tanto influencia os sentidos produzidos no contexto dos textos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico**: Panorama dos suicídios e lesões autoprovocadas no Brasil de 2010 a 2021, Brasília, v. 55, n. 4, Fev. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2024/boletim-epidemiologico-volume-55-no-04.pdf/view>. Acesso em: 15 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. DATASUS. **Tabnet**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sim/cnv/ext10uf.def>. Acesso: 15 mai. 2024.

CASTIEL, L. D.; DIAZ, C. Á.-D. **A saúde persecutória: os limites da responsabilidade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007, 136 p.

DE CASTRO, F. C. A fadiga de ser si mesmo e o individualismo contemporâneo em Alain Ehrenberg. In: DE CASTRO, F. C; MARQUES, C. (org.). **Ensaio sobre a depressão: A perda de sentido de si e o mal-estar na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. cap. 7, p. 141-174.

DURKHEIM, É. **O suicídio: Estudo de sociologia**. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019. 513 p.

ENTMAN, R. M. Framing: Toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of communication**, Romania, v. 43, n. 4, p. 51–58, 1993.

GENRO FILHO, A. Do funcionalismo à teoria geral dos sistemas. In: **O Segredo Da Pirâmide: Para uma Teoria Marxista do Jornalismo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987, p. 276.

SAFATLE, V.; DA SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (org). **Neoliberalismo como Gestão do Sofrimento Psíquico**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 286 p.